

**Discutindo a violência de gênero através do Teatro do Oprimido, na ECI
Prefeito Williams de Souza Arruda.**

Prof^a. Me. Elisângela Cabral Moço¹

Prelúdio:

A ideia do projeto surgiu ao observar a crescente Violência de Gênero dentro do ambiente no qual atuo desde 2013 e que é escola integral a dois, na ECI Prefeito Williams de Sousa Arruda, situada na cidade de Campina Grande, no Estado da Paraíba, a situação era realmente preocupante, onde meninas eram assediada por meninos e não conseguiam reagir, pior era que algumas achavam normal essas atitudes como, por exemplo, que os meninos passassem as mãos em suas partes íntimas sem autorização. Dessa forma, era tão cotidiano a violência de gênero praticada pelos meninos, que iam desde a física a simbólica, que levava a algumas meninas ao estágio de aceitarem sem questionamento sua abjetivação.

Com um olhar mais atento a situação, tanto de professora de história e artes como de coordenadora pedagógica da Área de Humanas, notei que as várias formas de violência contra a mulher, assim como sua apologia como algo natural, inerente a condição feminina, extrapolavam os limites das salas de aula, atingindo toda a comunidade escolar. Nesses véis, compreendi que uma intervenção de conscientização não deveria ser feita somente com e para os oprimidos, mas também com e para os seus opressores, o que poderia levar a uma quebra do ciclo de violência de gênero no cotidiano educacional.

Sendo assim, criei um Projeto de Intervenção Pedagógica que visava a construção de um espaço de debate sobre a violência de gênero no ambiente escolar, envolvendo os oprimidos e opressores em um espaço em comum onde juntos pudessem compartilhar e

¹ Graduada no curso de Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual da Paraíba, onde também se especializou em História e Cultura Afro-Brasileira. Mestre em artes cênicas pelo Programa de Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal da Paraíba (aprovada no dia 30 de julho de 2020). Professora concursada de História, atua também como professora de arte e coordenadora da área de humanas de sua escola. Desde sempre a sua trajetória profissional uniu artes, história e educação, sendo assim atuou como educadora popular em vários projetos sociais, inclusive com vínculos com a Universidade Estadual da Paraíba. Tem como uma educação formadora de seres críticos e autônomos que sejam protagonistas de sua realidade em ações de libertação e transformação dos meios sociais.

desenvolver novas representações de mundo, utilizando a arte como forma de expressão de suas vivências, ideais e experiências.

A elaboração do Projeto de Intervenção Pedagógica:

O projeto de intervenção pedagógica teve como objetivo usar as técnicas e métodos do Teatro do Oprimido para construir possibilidades para a discussão do tema da violência de gênero, construindo um espaço de arte e comunicação dentro do ambiente escolar com um grupo focal constituído tanto de oprimidos quanto de opressores, com adolescentes entre 14 e 18 anos de idade.

Tendo como objetivos específicos: 1) o desenvolvimento da prática das técnicas e métodos do Teatro do Oprimido, 2) A discussões sobre a questão da violência de gênero através do Teatro-Imagem e o Teatro- Fórum e 3) a montagem e uma peça com a estética do Teatro-fórum através dos resultados alcançados pelas educandas e educandos nas oficinas proporcionadas, retornando a comunidade escolar a discussão da violência de gênero.

O projeto teve como base as ideias dos teóricos educacional e teatral, Paulo Freire e Augusto Boal, que defendem a quebra da admiração ingênua do mundo ao redor, com a intenção de construir em seu lugar uma visão crítica e auto reflexiva das condições sociais, políticas e econômicas que interferem no cotidiano de homens e mulheres comuns, proporcionando a discussão de soluções para superar impasses cotidianos. Além, dos jogos teatrais de Viola Spolin, para os exercícios de aquecimento e imaginação em nossas oficinas teatrais.

A pesquisa foi realizada em três frentes que se entrelaçam: estudos e debates sobre a violência de gênero, oficinas das técnicas e métodos do Teatro do Oprimido e a montagem de uma peça teatral baseada no desenvolvimento artístico dos educandos. As oficinas foram desenvolvidas em quinze encontros, onde foram praticados as técnicas do Teatro-imagem e do Teatro-fórum, partindo dos relatos dos educandos e educandas sobre a violência de gênero, de músicas e poemas de mulheres vítimas de violência de gênero, métodos e jogos teatrais para a compreensão do sentido de opressão e a arte como meio de libertação de corpos e mentes.

A estruturação das oficinas: a importância de se criar uma rotina de elaboração artística.

As oficinas do projeto se estruturavam da seguinte forma: acolhimento, jogo teatral de aquecimento, metodologia do Teatro do Oprimido, exercício de desaquecimento e despedida. No momento de acolhimento recebíamos a todos em roda, sentados no chão onde aproveitávamos para discutir sobre o tema de violência de gênero e sobre as experiências que a aula passada tinha despertado, isso fazia com que todos interagissem com o assunto, até aqueles que não gostavam de participar das atividades práticas do teatro. Construindo um espaço de diálogo e confiança entre os participantes do grupo, onde relatos de vida e história de membros do bairro se cruzavam para a criação artística em cima do tema abordado.

Depois, de acordo com as necessidades da turma detectadas no último encontro, apresentávamos o jogo teatral que iria ser trabalhado no dia, que tanto poderia ser de aquecimento como de treinamento das técnicas teatrais que tinham de ser despertadas, preparando o corpo e os sentidos para a oficina de Teatro do Oprimido que deveríamos realizar.

Em seguida realizávamos as técnicas e métodos do Teatro do Oprimido, encaminhando para a compreensão das representações dos alunos sobre o tema através da arte teatral. Neste espaço da aula trabalhamos com o método do Teatro Imagem e o Teatro-Fórum, como base para a realização artística de seus discursos e de suas percepções de vida. Encerrávamos as atividades com o círculo de acolhimento, onde realizávamos um trabalho pedagógico de aceitação das histórias contadas e de conscientização da confidencialidade. Esse momento era realizado em círculo, todos com os quadris juntos, em um ato de balançar que dava aquele momento como um espaço aconchegante depois de um tempo de trabalho duro. Ao mesmo passo que nos balançávamos um apoiado ao outro, íamos falando sobre acontecimentos da aula e como esses fatos haviam tocado emocionalmente os alunos; muitas vezes as discussões se mantinham e novas ideias surgiam advindas desses debates.

Com o tempo, vimos a necessidade de um grito de guerra para liberar os sentimentos, pois em muitos momentos as oficinas transbordavam lembranças amargas demais para que isso fosse levado para fora, então no final de cada círculo de acolhimento realizávamos o grito de guerra voltado para o centro e batíamos palma o mais alto

possível. O círculo de acolhimento foi uma estratégia pedagógica que visava diminuir o desgaste emocional depois de cada oficina, ensinando aos alunos a diferença entre invocar uma lembrança e reviver um fato, quase um exorcismo de passados dolorosos demais para continuarem depois das oficinas.

A Violência de Gênero um tema que ainda choca.

O primeiro contato com o tema foi conturbado e tumultuado, as emoções ficaram à flor da pele com extremos exaltados entre os defensores e os condenadores da questão feminista. Logo a sala se dividiu entre meninos e meninas expondo as mazelas e as angústias de colocar em discussão a questão.

Wesley, 17 anos, não parava de me advertir “Professora, isso vai dá merda!”, entre os nervos exaltado dos colegas sobre o assunto. Falas interrompidas, vozes exageradamente altas que queriam impor seu ponto de vista através do quem fala mais alto.

A questão feminina x masculina foi discutida com a emoção de quem não queria perder a razão e nem a verdade, puxando questionamentos simplórios ligados a sexualidade desenfreada da juventude e como isso justificaria até hoje que as meninas fossem mantidas dentro de casa para “Não pegar um bucho”, porque “as meninas não sabem ir a uma festa sem abrir as pernas” (Victor, 16 anos); ao ser chamado de machista pelas meninas da turma, o educando se levantou e jogou o caderno no chão, as meninas rebateram a atitude e completaram dizendo que é porque os meninos só pensam em “Comer as mulheres como se fosse um nada” (Rayanne, 15 anos). Podemos observar no decorrer da reunião que a palavra machismo e feminismo se centram em suas falas dentro de uma sexualidade, onde o sexo, sua opressão ou sua liberdade, é o tema central a ser discutido.

Com a continuidade do processo e com minhas pontuações questionadoras, as discussões foram se aprofundando para questões mais pontuais como a desigualdade entre homens e mulheres e a violência de gênero. Foi nesse momento que alguns relatos de violências foram aparecendo espontaneamente.

Podemos perceber dentro da discussão estabelecida como a ideia de defesa está muito ligada à ideia de violência, onde algo ruim deve ser combatido ou com força física

ou armada. Além de um descrédito das instituições públicas de segurança e de justiça, na ausência delas a vingança seria a melhor resolução do conflito.

Tantas histórias chocantes que foram sendo apresentadas que no final do primeiro encontro já tínhamos um material riquíssimo, porém um problema que me preocupava era como acessar tais arquivos emocionais sem prejudicá-los e se o Teatro do Oprimido se encaixaria como a melhor metodologia.

O uso do Teatro Imagem como expressão do real e do imaginário do educando.

Nas cinco primeiras oficinas nos debruçamos sobre as técnicas do Teatro Imagem que se baseia em produzir esculturas corporais que representam uma determinada situação, sendo o processo dividido em três momentos a elaboração da Imagem Real, da Imagem de Transição e a Imagem Ideal de uma situação vivida pelo espectador.

O objetivo da escolha dessa técnica do Teatro do Oprimido era através das imagens construídas pela/os educanda/os entender quais eram suas representações da violência de gênero e se com o passar das discussões realizadas em torno do assunto se essas representações iriam se alterar de alguma forma.

Na primeira oficina pedimos para que os alunos se sentassem em círculo e que contassem alguma história de violência de gênero que teriam presenciado. Escolhemos três histórias das que foram relatadas e três pares foram escolhidos entre os espectadores para construir com seus corpos a Imagem Real da história apresentada, imagem essa que deveria ser fiel ao relato. Depois, desse processo os demais colegas podiam modificar a imagem preposta, sendo assim, no final do processo a imagem representava um discurso do grupo sobre o fato descrito, assim também aconteceu com as Imagem Ideal e Imagem de Transição trabalhadas nas oficinas posteriores.

Através das imagens formuladas, pudemos aferir que, no imaginário de nossos educandos quando se fala de violência de gênero, ela está muito ligada à violência física, mesmo eles tendo conhecimento das demais formas de violência contra a mulher. Quando pensam em uma superação, ela está ligada tanto à reação violenta da mulher, que seria uma vingança, quanto à humilhação do homem perante a mulher que ele ofendeu. Visões ainda muito romantizadas e superficiais do problema das relações abusivas sofridas por mulheres dentro de suas famílias e de suas comunidades. Novamente pedi para que cada

grupo decorasse com detalhes as duas imagens que formularam e nos sentamos em círculo para discussão de cada uma delas.



Nesse instante do projeto, tivemos a parceira com Cendac – Centro de Apoio à criança e ao Adolescente que dentro do Projeto A Educação com Enfrentamento à Violência Contra a Mulher, realizou ciclos de debate sobre a violência contra a mulher em seus aspectos mais amplos que nos deu um suporte teórico forte com o assunto, inclusive propondo leituras e autores que puxamos para os nossos debates.

Novamente propus as técnicas do Teatro Imagem e os alunos sugeriram que poderíamos construir esculturas corporais baseados nos vários tipos de violência contra a mulher, formando assim três casais representando a violência patrimonial, simbólica e física/emocional que mais tarde foram as bases para a primeira parte do espetáculo.

Violência Patrimonial

Imagem Real, Imagem de Transição e Imagem Ideal (o comunicado da justiça para reaver o patrimônio roubado).



Violência simbólica e psicológica

Imagem Real, Imagem de Transição e Imagem Ideal.



Posteriormente, baseado em uma observação pessoal de uma das alunas (Jacklayne, 15 anos) as imagens formadas se tornaram histórias acontecidas dentro da caixinha de música, único local que para ela os casais eram perfeitos.

A CAIXINHA DE MÚSICA E SUAS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO



Das imagens às histórias de vida: partindo para a pesquisa de campo.

Com base nas esculturas realizadas nos últimos encontros, encaminhamo-nos para a preparação do teatro-fórum, onde os alunos deveriam moldar agora o espetáculo base para a discussão; para isso e com objetivo de ampliar as bases de seus discursos, pedi para os mesmos entrevistarem a comunidade escolar sobre o tema. Divididos em cinco grupos, os alunos tinham como tarefa coletar depoimentos sobre a violência de gênero, para incorporá-los de algum modo no texto base que deveria ser montado por eles. De todos os depoimentos cinco chamaram mais a atenção dos alunos, e foram debatidos em sala de aula.

O teor dos depoimentos chocou os alunos de forma curiosa ao passo que os mesmos viam que a violência que presenciavam não era um fato, infelizmente, de sua realidade mais próxima, mas que iam além do bairro e de sua cidade. Era como se eles e elas acreditassem que a violência de gênero era algo mais local com tal intensidade que se mostrava, assim a realidade de inúmeras mulheres ficou mais à mostra e longe de distinção de etnia e classe social. “Realmente a vida das mulheres não é nada fácil!”, disse Victor, “a cada relato feminino que ouvíamos me chocava da questão dos homens se acharem donos de mulheres que nem são deles”. “Como assim deles, nenhuma mulher é de homem nenhum”, disse Emilly, 16 anos. “Eu quis dizer que não é nem da família dele”, continua Victor, “As mulheres que entrevistamos se mostram assustadas de sair à noite porque podem ser estupradas, tem mais medo de serem estupradas do que de morrer. Elas têm pânico mesmo!”.

Passou-se a uma discussão sobre a questão do corpo, sua violação e o medo de ser acometida por esse tipo de violência, o que deu margem para a discussão sobre a violência simbólica e sexual. Como era comum que as meninas se sentissem assediadas por homens com seu modo de olhar desrespeitoso e o assédio sexual, tanto dentro de casa como nas ruas e no trabalho. Neste momento, Weslwy expôs sua entrevista afirmando ser de uma professora e de uma colaboradora da escola, onde afirmavam já terem sido vítimas de assédio sexual no trabalho. Neste momento outro aluno falou que sua entrevistada, que era uma aluna da escola, também tinha relatado a mesma coisa.

Dessa forma, os depoimentos foram se entrelaçando e se mostrando em um cenário onde todas as mulheres entrevistadas afirmaram terem vivido algum tipo de violência. As próprias meninas do grupo se posicionaram que também se sentiam assim, e que inúmeras vezes se sentiam oprimidas por familiares e colegas de sala. Neste momento a discussão aflorou em uma grande discussão sobre o assédio moral e sexual dentro do grupo focal.

As entrevistas foram sendo lidas e comentadas em uma roda de discussões, relatos impressionantes sobre a violência presente na realidade de todas as mulheres, neste contexto duas histórias relatadas por professores chamaram mais a atenção da turma. A primeira relatava uma agressão física que foi presenciada em um bar, em uma festa de cidadezinha do interior, onde um homem por ciúme de sua mulher a espancou na frente de todos os presentes e, o mais impressionante, que ninguém teve coragem de reagir contra essa agressão, pois não sabiam o que fazer. O fato de ninguém reagir a essa agressão foi impactante e revoltante para os jovens, pois acreditavam que situações como estas não deveriam acontecer assim. Porém, Danylo (15 anos) fez uma pergunta provocativa a turma “E vocês fariam o quê?” e naturalmente os alunos fizeram pequenas representações do que poderia ser feito, sem um comando meu para que a situação se iniciasse, deixei com que a cena se desenrolasse e eles mesmo foram substituindo personagens e redesenhando a cena.

Entrou na discussão a questão da violência sofrida pela mulher, a questão do medo das pessoas que presenciavam de socorrê-la, de serem mais uma vítima do homem agressor, e as possibilidades de formas seguras de ajudar a mulher agredida. Possibilidades e soluções cênicas, mas também possibilidades e soluções para a vida, pois, como nos lembra Boal, “invadindo a cena, na ficção do teatro, [o espectador] pratica

um ato: não só na ficção, mas também na realidade social que é sua. Transformando a ficção, ele se transforma a si mesmo” (BOAL, 2009 II, p. 30).

Assim, através da representação, a discussão foi construída dando ordem a uma tempestade de ideias. Neste instante notei que as linhas de pensamento se completavam enquanto as discussões eram apresentadas em forma cênica, diferentes de outras discussões realizadas de forma somente oral em sala. Parecia que apreciar as ideias de forma representativa ajudavam os alunos a explanarem as possibilidades de forma colaborativa e não com um jogo de poderes de quem estava com a razão. Estavam lindamente no processo de aprendizado do diálogo que segundo Paulo Freire se dá no processo da fala e da escuta.

A segunda história que tocou emocionalmente os alunos foi a história da vizinha de um dos professores que passou por todos os tipos de violência e de abusos que uma mulher pode passar de seu companheiro. A mulher que tinha se casado ainda na adolescência foi vendo sua vida e sua dignidade sendo tiradas por seu marido que a agredia física, mental e economicamente e que, no auge de sua violência, manteve-a em cárcere privado juntamente com os filhos nos finais de semana, para poder ir à festas e beber com seus amigos.

Porém, dessa vez a violência era velada e a vizinhança acreditava que eles viviam felizes e que era a esposa e as crianças que não gostavam de sair. Somente depois de muitos anos é que a verdade veio à tona e toda a cidade ficou chocada ao saber da violência que era praticada dentro das paredes daquela residência. Quando os alunos foram finalizar a história, eu intervi e pedi que antes de saber o desfecho, os demais educandos deveriam fazer o mesmo exercício de possibilidades e soluções que haviam realizado com o outro depoimento abordado o que resultaria na montagem de nosso Teatro-fórum.



O Teatro-fórum: A mulher sequestrada e explorada por seu marido.

Pesquisa de campo e idealização do texto teatral.

A motivação da personagem e a racionalização dos sentimentos.

Essas buscas e pesquisas autônomas da turma e toda movimentação que foi detectada na semana que se prosseguiu levou-me a trazer mais um exercício do Teatro do Oprimido, denominado de Ensaio Analítico de Motivação (BOAL, 2008, p.300), que tem como objetivo analisar e intensificar as emoções em cena. Esse ensaio analítico de motivação se baseia em pensar, analisar e ensaiar a motivação de uma personagem em três fases: a vontade, a contravontade e a vontade dominante (a motivação completa).

Com os mesmos grupos trabalhamos as fases propostas. Os alunos tinham como desafio agora aprofundar mais as motivações dos personagens visando que suas emoções e ações fossem derivadas dessa experimentação artística. Pois, O conceito fundamental, para o ator, não é o ser do personagem, mas o querer. Não deve perguntar quem é, mas o que quer. A primeira pergunta pode conduzir à formação de lagoas de emoção, enquanto a segunda é essencialmente dinâmica, dialética, conflitual e, portanto, teatral. Mas a vontade escolhida pelo ator não pode ser arbitrária; antes, será necessariamente a concreção de uma ideia, a tradução, em termos volitivos – eu quero! – dessa ideia ou tese. A vontade não é a ideia, é a concreção da ideia. (BOAL, 2008, p. 74). Depois que os grupos amadureceram e resgataram as ideias formuladas no último encontro, demos início ao ensaio com base no Interrogatório (BOAL, 2008, p.298) que tem como objetivo desenvolver e reforçar o subtexto, em uma simulação de interrogatório criminal, onde a personagem é posta na berlinda para responder a inquirição do grupo sobre

acontecimentos de sua vida e da peça, sua ideologia, seus gostos e desgostos que motivam ou motivaram suas ações.

Dessa forma fizemos com cada personagem da peça, onde as perguntas e respostas tinham que ser feitas e respondidas com a dinâmica de um tribunal penal. Para isso, pedi aos alunos que buscassem se lembrar de filmes que tiveram cenas de julgamento, mas principalmente de interrogatório policial, pois a ideia da atividade era ter aquele vigor e pressão sobre a personagem. Nesse instante, notamos como a preparação anterior e as pesquisas autônomas de cada grupo tinham amadurecido as personagens para aquela atividade. Tanto “mocinhas” como “vilões” se revestiram de uma atitude mais viva e verdadeira, construindo argumento e fatos de vida que justificavam suas motivações e vontades. A pressão do interrogatório fez com que alguns atores conciliassem os discursos às expressões faciais e corporais, além da tonalidade da voz que demonstrava que a personagem tinha começado a viver.

Desenvolvimento que engrandeceu a interpretação dos fatos representados no texto e que foram baseados em fatos do cotidiano daqueles jovens. O interrogatório foi um dos exercícios mais apreciados pelos alunos, a posição de inquisidor e inquerido foi um exercício que conversava com a elaboração de texto argumentativos e dissertativos, usados para a defesa de sua personagem. Os pontos frágeis e contradições eram logo questionados e mostrado como incoerentes, fazendo o aluno da berlinda refazer seus argumentos para o convencimento da plateia.

Durante todo o processo utilizei muitos exercícios de racionalização das emoções que não só auxiliaram no fazer artístico mais na própria forma de ser relacionar dos alunos, onde as afirmações foram sendo substituídas por perguntas em suas discussões, em minha compreensão isso se tornou um avanço na tentativa de entender a forma de pensar dos outros, uma mudança significativa em um grupo formado por oprimidos e opressores da violência de gênero.

Intervenção do público: uma simulação do Teatro-fórum.

Com o grupo aquecido, preparamo-nos para irmos para o refeitório dispor as cadeiras e mesas para a apresentação. Enquanto os alunos preparavam o espaço de atuação, eu fui chamar as funcionárias com as quais já havia combinado. Seriam espectadores somente femininas.

A curinga começou a apresentação expondo as regras do Teatro-Fórum e a figura do espect-ator, depois que as convidadas deram a entender que entenderam, demos início a apresentação. A apresentação se desenvolveu como o esperado, o que foi construído nos ensaios. Na primeira parte, o elenco encenou, através da ideia das personagens da caixinha de música, as fases de uma paixão e como essa história de amor, aos poucos, vai passando para uma relação abusiva. Na segunda parte, encenamos a história, baseada em fatos reais, de uma mulher que se torna prisioneira de seu companheiro, juntamente com seus filhos.

Sendo liberado por seu marido somente para ir trabalhar, trabalho este que gerava um dinheiro usado nas farras do companheiro, um exemplo real de abuso psicológico, emocional e patrimonial fortemente apresentados. No ápice teatral, a cena foi interrompida pelo curinga que então indagou o que os espectadores fariam para sair daquela situação, dando início ao Teatro-Fórum. A nossa Merendeira falou que a personagem deveria gritar, pois assim alguém poderia ouvir e vir ajudá-la. Nesse momento, sob a ordem do curinga, a atriz começou a gritar pedindo socorro, o mais alto possível; um ator do grupo, que não estava na cena, improvisou o vizinho que, ao ouvir, invade a casa e tenta liberar a jovem senhora. Nesse instante o marido retorna para casa, surpreendendo o invasor e o agredindo gravemente. Nova parada, a Merendeira II pergunta se pode modificar a cena, a curinga afirma que sim. Ela pede que, em vez de invadir a casa o vizinho, chame a polícia, protegendo-se assim da ação que o tinha atingido.

Novamente, um outro educando entrou em cena atuando como o policial chamado pelo vizinho, nesse momento começou-se a criar um macrocosmo de atuação, quando cenas paralelas são criadas como base para a construção da solução. Nessa versão da história, o policial, ao verificar a veracidade da denúncia, invade a casa e presencia a cena da senhora acorrentada à cama do quarto. Nesse instante, o marido retorna à casa e é preso em flagrante acusado do crime de cárcere privado. Na delegacia (novo macrocosmo formado), o delegado pergunta à mulher se quer prestar queixa por violência doméstica.

Nesse instante, o marido cai aos pés da esposa e pede para perdoá-lo, dizendo que tudo iria mudar; a mulher se balança ao pensar na família. Nesse momento, de forma surpreendente, Márcia, a Auxiliar de Serviços Gerais entra em cena sem vestir um personagem, olha para a mulher e diz: “Sei que é difícil minha filha, mas você precisar sair dessa e vai ver que com o tempo vai olhar para ele e se perguntar como pode aguentar

tanta coisa”. Mantendo a personagem, nossa educanda respondeu “Se eu o denunciar, vou destruir minha família”, “E que família você tem?”. A cena foi emocionante para os espectadores e atores.

A apresentação termina, a pedido da maioria, com a prisão do marido e com a ajuda psicológica para a mulher. Depois da apresentação, Márcia, por volta de seus 55 anos, a Auxiliar De Serviços Gerais confessou que em sua família já houve um caso parecido e que não havia terminado bem, que sua ação foi intuitiva e quando se deu por si já tinha entrado em cena. Começou-se uma conversa informal entre os alunos e as funcionárias sobre a importância daquele tipo de teatro e de seu objetivo tanto de conscientização como de ensaio da reação da realidade.

“É interessante mesmo, principalmente para essa geração de hoje que mal conhece alguém e já vai saindo, é muito perigoso meninas. Se já conhecendo bem já acontece essas coisas, imagina sem se conhecer. E como é importante também terminar os estudos e ter um emprego, pois assim como a mulher da história, vocês não sofrerão economicamente se um dia quiser se separar de um traste como esse”, (Ozani, Merendera, por volta de 35 anos de idade).

“Mas nem sempre é tão fácil você se livrar, pois quantas mulheres aí tem dinheiro, tem casa, tem tudo e mesmo assim ainda fica sustentando vagabundo. Colocando em risco até os filhos com um safado em casa, por isso tantas meninas são abusadas pelos safados. Só porque amam, ou dizem que amam um vagabundo. Agora eu pergunto que amor é esse (interrogação) (Ana, merendeira, por volta de seus 22 anos).

“Mas como, disse a professora uma vez, as mulheres que sofrem esses tipos de violências, pois não é só um, as mulheres se sentem aprisionadas pelos homens por causa do sentimento que sentem por eles, mas também por toda a pressão que a sociedade impõem sobre elas como a ideia de que elas são responsáveis em fazer a família dá certo. Então elas ficam que nem doente. Em La Casa de Papel, a mulher sequestrada no roubo do banco se apaixonada pelo sequestrador, eu não me lembro, mas isso tem um nome. Eu acho que é isso que acontece com muitas mulheres que conhecemos e que apareceram nessas histórias” (Wesley).

“Isso é tão normal, esse tipo de violência que na maioria das vezes as pessoas de fora nem sabem, pois é uma violência escondida e maquiada. Por exemplo, quem via o meu personagem indo buscar e deixar a mulher no trabalho todos os dias, deveriam achar

que ele a amava. Nunca imaginariam que ele a agredia desse jeito, depois disso, toda a mulher que eu vejo com um roxo em algum lugar, eu fico pensando, será que se machucou mesmo ou a machucaram. Esse negócio é muito grave e deveria ser levado mais a sério” (Victor).

“Realmente é um crime silencioso, que atinge mulheres de várias idades que são agredidas não só por seus companheiros, mas por pais, irmãos, amigos de sala, pela sociedade que as coloca um modelo que a gente tem que seguir. E quando acontece algo de terrível ainda culpa as mulheres por terem sido estupradas e até mortas. Fala sério!” (Rayanne).

E assim se seguiu a conversa até que as meninas de apoio tiveram que voltar às suas atividades, como tinha sido combinado com a direção. Parabenizaram o grupo e a mim pela apresentação e pela discussão que era levantada durante e depois da encenação, pontuando a importância desse tipo de ação educativa para a reconhecimento e prevenção da violência contra a mulher, tanto na escola quanto na comunidade.

A apresentação: a discussão volta para a comunidade.

O início da peça se deu com a apresentação da curinga (Emily) que foi a primeira a entrar em cena, fazendo um apanhado histórico sobre a origem e os objetivos do Teatro do Oprimido para introduzir ao tipo de espetáculo do Teatro-Fórum e suas regras. Depois que a plateia pareceu compreender as regras que regiam nossa apresentação cênica, a curinga deu o sinal para que o elenco base entrasse em cena.

A apresentação ocorreu como o planejado e de forma tranquila. No ápice da história, a curinga abriu para o fórum. “Deveria bater e acorrentar ele igualzinho o que ele fez com ela!” (gritou um dos espectadores, do 6º ano), “Não, aí não seria justiça, mas uma vingança. É melhor achar outra solução” (afirmou uma espect-atora do 2º ano). “Ela deveria ir embora e dar um tiro nele” (sugeriu o espect-ator do 7º ano). Mesmo sempre lembrando que como espect-atores, a plateia poderia participar e intervir na ação, nenhum educando ou professor quis participar dessa forma do espetáculo, muitos tinham sugestões boas para a cena, porém, notava-se que o medo de se expor faziam com que todos não partissem para intervenção física na ação.

Dessa forma, sussurrei a curinga que não se preocupasse caso ninguém intervisse na cena e que fosse pegando as sugestões e fosse construindo a cena final, pois tínhamos

pouco tempo antes do almoço. Aos poucos, o debate em torno da cena foi pegando fôlego e os espect-atores foram contribuindo mais para elaboração da cena final. Logo um aluno da 3ª Série do Ensino Médio se levantou e disse: “Paráí, ela trabalha fora de casa, ela pode pedir ajuda lá, aos colegas de trabalho. Falar o que está acontecendo com ela e pedir ajuda”, baseado nessa sugestão começou-se a desenhar o desfecho da peça. Um aluno do grupo focal entrou em cena interpretando um colega de trabalho da vítima, ligando para a polícia, falando que achava que estava havendo episódios de violência doméstica, pois ela sempre aparecia com marcas roxas pelo corpo e que seu marido sempre ficava com o celular dela nos finais de semana e não permitia que ela atendesse. Outros atores entraram em cena para interpretar os policiais que iam até a casa da família averiguar a denúncia. Chegando ao local, escutam o pedido de ajuda da mulher e a encontram acorrentada. Nesse momento, chega o marido e, ao reagir à prisão em flagrante, apanha dos policiais.

Nesse instante a plateia vibra com a violência imposta ao violador. Porém, sem se perder da personagem, a atriz começa a pedir no meio de choros que os policiais não machuquem o seu marido. A atitude da vítima protegendo o seu agressor enfureceu os espect-atores, interrompendo mais uma vez a cena. “Ela é mesmo uma vagabunda!” (Espec-ator do 8º Ano), “Ela gosta! Tem que apanhar mesmo!” (Espec-ator da 1ª Série do Ensino Médio), “Não é bem assim, ela ainda gosta dele e ele se aproveita disso, não é tão fácil para ela sair disso não” (Espec-atora da 2ª Série do Ensino Médio), “Mas é esse tipo de amor doido que mata muita gente, ela deveria tá feliz com ele se lascando todo e mesmo assim ela o protege!” (Espec-atora do 8º Ano), “Mas isso acontece mesmo gente, minha vizinha foi a mesma coisa, por isso ninguém se mete mais” (Espec-ator da 2ª Série do Ensino Médio), “Ela não precisa de julgamento, mas de ajuda médica, pois é visível que ela está doente” (Espec-atora da 2ª Série do Ensino Médio).

Dessa forma, as discussões foram ficando mais acaloradas e alguns alunos que tinham participado das rodas de discussão propostas e realizadas pelo Conselho Municipal do Combate à Violência Contra a Mulher começaram a defender a personagem afirmando que esse tipo de violência era tão grave, pois imobilizava a vítima emocionalmente, não permitindo que ela reagisse contra seu agressor.

Assim, surgiu algumas histórias da comunidade que serviram de exemplos de como a violência contra a mulher atinge não somente essa, mas toda a família e amigos, pois na maioria das vezes a vítima age como cúmplice de seu algoz. Nesse instante a curinga teve que focalizar mais uma vez as discussões e falas para a resolução das cenas,

pedindo para que todos se concentrassem na resolução do problema. Assim, as sugestões começaram a fluir novamente no sentido de finalização da cena.

Ficou decidido que ela deveria ter apoio profissional e que o marido deveria ser preso, sendo assim a cena terminou com a mulher em uma psicóloga que a ajudava a superar os problemas e os traumas de um relacionamento abusivo. Dessa forma, mesmo em uma sessão corrida do Teatro-fórum sobre a violência de gênero e mesmo não obtendo um final perfeito e tecnicamente bem construído, o estilo teatral havia cumprido o seu papel, como nos lembra Boal: “acredito que muito mais importante do que chegar a uma boa solução é provocar um bom debate. Na minha opinião, o que conduz à autoavaliação dos espect.-atores é o debate, não a solução que porventura possa ser encontrada”, pois “mesmo que se chegue a uma solução, pode ser que ela seja boa para quem a propôs, ou para as condições em que o debate se desenrolou, mas não necessariamente útil ou aplicável para todos do fórum” (BOAL, 2008, p. 326). Sendo assim, o objetivo central do Teatro-fórum, assim como todos os métodos e técnicas do Teatro do Oprimido, é levar seus espec-atores a pensarem criticamente sobre sua realidade, tecendo assim mecanismos e estratégias de libertação.



O que aconteceu em nossa curta sessão, levando nossos espect-atores a idealizar formas de quebra do ciclo de violência contra a mulher, tanto no momento da apresentação como também em todo o processo criativo, mostrando-se um dispositivo pedagógico de intervenção de excelência para a discussão de temas delicados e polêmicos no ambiente escolar.

Resultados obtidos:

Tivemos duas apresentações do Teatro-fórum no projeto, a primeira a que foi relatado acima aconteceu na feira de amostra das eletivas e contou a presença de pais e mães, a segunda que foi gravada (<https://youtu.be/MyD5VBcvhb8>) e constou somente com a comunidade interna da escola. Sendo assim, projeto envolveu todos os seguimentos da comunidade escolar, através 1) das pesquisas realizado pelos educandos com alunos, professores e servidores da escola sobre a violência de gênero, 2) das palestras, em parceria com a Secretaria de Defesa da Mulher de Campina Grande, proporcionada para a comunidade escolar, 3) da apresentação do Teatro-Fórum, intitulado "Em briga de marido e mulher deve meter a colher", idealizado durante as oficinas e apresentada pelos alunos, onde toda a comunidade escolar pode participar das discussões características dessa método.

A avaliação do projeto se deu de forma contínua e auto avaliativa em parceria com os educandos, onde eram atentos o comprometimento com o projeto, a participação nas discussões teóricas e contribuição artística de cada integrante.

No final do projeto, tínhamos alunos mais autônomos e abertos ao debate de ideias e mais conscientes sobre sua responsabilidade como cidadãos críticos nos processos cotidianos e suas possibilidades de intervenção em situação de violência de gênero, o que ficou evidente dentro das observações dos professores sobre as mudanças de comportamento que se tornaram mais calmas na resolução de problemas.

Como profissional ficou o aprendizado de uma educação feita em sistema de companheirismo, onde o respeito e o amor ao outro é capaz de conscientizar e provocar a auto criticidade.

Referência Bibliográficas:

ANICETO, Ana Paula Baião. **O Teatro do Oprimido: uma poética da transgressão, formando Espect-atores.** Tese de Doutorado em Línguas, Literaturas e Culturas, Especialidade em Estudos Culturais. Lisboa, Portugal: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade de Nova Lisboa: 2016.

BELÉM, Maria Augusta de Farias. **O Teatro do oprimido no espaço escolar: um despertar crítico criativo.** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Profartes, 2006.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009 I.

BOAL, Augusto. **O Teatro como Arte Marcial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009 II.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 18ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz & Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 66ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018 I. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 56ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018 II.

MOÇO, Elisângela Cabral. **O Teatro do Oprimido e a Violência de Gênero: uma proposta pedagógica para a Escola Cidadã Integral**. Dissertação em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Paraíba: Programa de Mestrado Profissional em Artes – PROFART; João Pessoa: 2020.

MORAES, Michele Adriana. **Entre a metaxis e a filosofia da Práxis: Teatro do oprimido perspectivas para o Teatro Educação**. São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015. 118

PERES, E. L.; **Da violência estrutural a violência doméstica contra crianças e adolescentes: aspectos conceituais**. In: CARVALHO, A.; LOPES, J. E.; SILVA, P. V. B. da, organizadores. **Por uma escola que protege: a educação e o enfrentamento à violência contra crianças e adolescentes**. 2. ed. rev. Ponta Grossa, Editora UEPG; Curitiba, Cátedra UNESCO de cultura da paz UFPR, 2009.

RODRIGUES, Ana Cláudia Silva. **Escola Cidadã Integral: proposições curriculares para os jovens do Ensino Médio**. João Pessoa: Revista Espaço do Currículo, 2019. In.: <http://periodicos.ufpb.br//index.php>.

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais: o fichário de Viola Spolin**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPLOIN, Viola. **O jogo teatral no livro do diretor**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos.** 10 ed. Rio de Janeiro: Rosas do Tempo, 2019. VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. As ideias estéticas de Marx. São Paulo: Editora Expressão popular, 2011.